

REVISTA
DESAFIOS

ISSN: 2359-3652

V.13,n.2, março/2026–DOI: 10.20873/vol132pi

PALAVRAS INICIAIS

INITIAL WORDS

PALABRAS INICIALES

Thiago Barbosa Soares

E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br

PALAVRAS INICIAIS

A apresentação deste segundo número do volume 13 da *Revista Desafios* da Universidade Federal do Tocantins reitera, com densidade teórica e amplitude temática, o compromisso da publicação com uma interdisciplinaridade efetiva, entendida não como mera justaposição de áreas, mas como gesto epistemológico de articulação entre diferentes regimes de saber. A presente edição organiza-se, de modo particularmente expressivo, em torno de eixos que tensionam e entrelaçam saúde, educação, ciências agrárias, saberes tradicionais e análise do discurso, compondo um mosaico que reflete tanto a diversidade quanto a complexidade das agendas científicas contemporâneas.

No campo da saúde, os estudos reunidos evidenciam a centralidade das políticas de cuidado e das dinâmicas institucionais na configuração das experiências de adoecimento e tratamento. Investigações sobre agravos traumáticos, fibromialgia, hanseníase em gestantes, formação médica e gestão farmacêutica delineiam um quadro no qual o corpo biológico se inscreve, inevitavelmente, em tramas sociais, tecnológicas e discursivas. Trata-se, portanto, de uma abordagem que transcende o modelo biomédico estrito, aproximando-se de uma compreensão ampliada da saúde enquanto fenômeno biopsicossocial.

No eixo educacional, a diversidade de abordagens — que vai do ensino de geografia e zoologia à simulação de negociações internacionais, passando pelo uso de podcasts como ferramenta de inclusão e pelo papel dos arquivos na mediação do conhecimento — evidencia a educação como espaço privilegiado de inovação e disputa de sentidos. Aqui, o processo formativo é concebido como prática situada, atravessada por tecnologias, afetos e políticas de pertencimento, em consonância com perspectivas críticas que recusam a neutralidade do ato pedagógico.

As contribuições das ciências agrárias e biotecnológicas, por sua vez, reafirmam a potência dos recursos naturais e das investigações aplicadas no contexto amazônico e tocantinense. Estudos sobre gliricídia, moringa e murici não apenas ampliam o repertório técnico-científico, mas também sinalizam para horizontes de sustentabilidade e bioeconomia, nos quais o conhecimento local se articula com demandas globais.

Em estreita interlocução com esse movimento, os trabalhos voltados aos saberes tradicionais e às práticas produtivas locais evidenciam a relevância de políticas públicas e do etnoconhecimento na constituição de economias culturalmente enraizadas. A produção artesanal da farinha e o consumo de pescado no Bico do Papagaio emergem, assim, não apenas como objetos empíricos, mas como dispositivos de resistência simbólica frente às lógicas homogeneizantes do mercado.

Por fim, no âmbito das humanidades, a análise discursiva da metonimização vocal reafirma o papel da linguagem como instância constitutiva da realidade social. Ao problematizar os modos de dizer sobre a voz, o estudo evidencia que toda materialidade discursiva é atravessada por relações de poder, memória e ideologia, alinhando-se a uma tradição crítica que compreende o discurso como prática social.

Essa organização temática explícita, de maneira ainda mais nítida, aquilo que Edgar Morin (2005) denomina pensamento complexo: a necessidade de religar saberes para enfrentar problemas que não se deixam reduzir a compartimentos disciplinares estanques. Do mesmo modo, dialoga com a proposta de Boaventura de Sousa Santos (2010) de uma ecologia de saberes, na qual diferentes formas de conhecimento coexistem e se tensionam produtivamente.

Produzir ciência a partir do Norte do Brasil, e, mais especificamente, do Tocantins, implica reconhecer, como propõe Bruno Latour (2004), o caráter situado de todo conhecimento.

As pesquisas aqui reunidas partem de realidades concretas e, ao fazê-lo, contribuem para deslocar os centros tradicionais de produção científica, inscrevendo a UFT em um circuito ampliado de relevância acadêmica e social.

Nesse horizonte, a *Revista Desafios* reafirma-se como espaço de mediação entre ciência e sociedade, entre produção de conhecimento e responsabilidade pública. Mais do que reunir artigos, esta edição configura-se como um gesto coletivo de interpretação do presente, em suas urgências sanitárias, educacionais, ambientais e simbólicas.

Há, nas entrelinhas desta edição, uma temporalidade mais densa, mais dobrada sobre si mesma. Os artigos aqui reunidos não apenas compõem um panorama do pensamento crítico contemporâneo; eles também se inscrevem num tempo vivido, num tempo partilhado com aqueles que, ao longo dos anos, fizeram desta revista um espaço de encontro, de dissenso, de construção coletiva. É impossível folhear estas páginas sem sentir o peso das mãos que as precederam, sem escutar, ainda que distantes, as vozes que aqui encontraram acolhimento. Este número é, também, um gesto de reconhecimento: aos que vieram antes, aos que caminharam junto, aos que seguirão adiante.

É por isso que, ao oferecer este volume à comunidade acadêmica, reafirma-se não apenas o compromisso com a excelência e a pluralidade, mas também a intuição de que a ciência, quando atravessada pelo diálogo e pela crítica, permanece como uma das formas mais potentes de imaginar futuros. Não como abstração, mas como artesanato da esperança: construção coletiva que, no rigor do presente, já desenha os esboços do vindouro. A despedida, quando vivida com inteireza, não é jamais um gesto de abandono, é, antes, a entrega do que se construiu às mãos de outros, na confiança de que saberão não apenas preservar, mas transformar.

Este número, assim, inscreve-se numa dupla temporalidade: a da memória, que recolhe os fragmentos de uma história partilhada, e a do porvir, que se anuncia precisamente na abertura deixada pelo gesto de partir. Se há, nele, uma densidade que ultrapassa o imediatamente visível, é porque esta edição carrega consigo o testemunho de uma travessia, pessoal e coletiva, intelectual e afetiva. Mais do que um ponto final, ela aspira a ser uma espécie de respiração: pausa necessária antes que outras vozes possam ocupar o espaço, antes que outros gestos possam reescrever, à sua maneira, a história que aqui se começou.

Que este volume, então, não seja lido apenas como mais um número na sequência de uma publicação periódica. Que ele possa ser recebido como aquilo que, no fundo, sempre desejou ser: um convite à continuação, uma aposta na permanência do diálogo, um testemunho de que o pensamento, quando partilhado, é capaz de atravessar o tempo, e de encontrar, mesmo na despedida, a forma mais generosa de recomeço. Porque há despedidas que, em vez de fechar, abrem. E esta, feita de palavras, de ideias e de afetos, entrega-se agora ao leitor como quem entrega uma chave: para que outras portas se abram, para que outros caminhos se inventem, para que a travessia, afinal, nunca cesse.

Aos que ficam, o trabalho e a alegria. Aos que partem, a gratidão e a certeza de que, de algum modo, permanecem, porque o que fizemos juntos já não nos pertence, mas a todos aqueles em cujas mãos este número, agora, também se torna despedida e começo.

REFERÊNCIAS

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.